

Violência homofóbica: revisão sistemática da literatura

Homophobic violence: systematic literature review

Violencia homofóbica: revisión de literatura sistemática

Recebido: 26/05/2020 | Revisado: 28/05/2020 | Aceito: 30/05/2020 | Publicado: 16/06/2020

Jacyara dos Anjos Sarges Formento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1824-7418>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: jacy.anjossarges@gmail.com

Silvia dos Santos de Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4817-7804>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: salmeidaufpa@gmail.com

Resumo

Homofobia é o menosprezo ao homossexual, bem como as ações de intolerância que desencadeiam processos violentos. O objetivo desse estudo é realizar uma revisão sistemática da literatura, com a seleção dos principais artigos encontrados nas bases de dados do Portal da CAPES, que realizem um estudo quantitativo sobre violência homofóbica. Foi realizada a busca nos últimos cinco anos, período de 01 de janeiro de 2015 a 31 dezembro de 2019. Os descritores utilizados foram “homossexuais”, “LGBT”, “gays”, “violência”, “assassinatos”, “mortes”, “homicídios”, combinados. Os critérios de inclusão foram publicações no formato de artigo, gratuitos, sem especificação de idioma, com busca de descritores contidos em assunto, título e autor [qualquer]. Foram consideradas como critério de exclusão as publicações que não se enquadraram na modalidade artigo, os que foram publicados fora do recorte temporal definido, e os que não apresentaram pesquisa de natureza quantitativa. Foram encontrados seis artigos, um deles em língua espanhola, os quais demonstraram certa semelhança no padrão das violências identificadas, sobressaindo as agressões psicológicas. Conclui-se que o quantitativo de pesquisas encontrado ainda se revela inexpressivo, sobretudo se considerada a carência de dados oficiais acerca do assunto.

Palavras-chave: Homofobia; Violência; Revisão da literatura.

Abstract

Homophobia is the hate against homosexual, and the actions of intolerance that results in violent processes. The objective of this study is to carry out a systematic review of the literature, with the selection of the main articles found in the databases of the CAPES Portal, that show a quantitative study on homophobic violence. The search was done in the last five years, from January 1, 2015 to December 31, 2019. The descriptors used were "homosexuals", "LGBT", "gays", "violence", "murders", "deaths", "homicides" combined. Inclusion criteria were publications in article format, free, without language specification, with search for descriptors contained in subject, title and author [any]. Exclusion criteria were publications that did not fit into the article modality, those that were published outside the defined time frame, and those that did not present quantitative research. Six articles were found, one of them in Spanish, which showed a certain similarity in the pattern of the identified violence, highlighting psychological aggressions. It is concluded that the amount of research found is still inexpressive, especially when considering the lack of official data on the subject.

Keywords: Homophobia; Violence; Literature review.

Resumen

La homofobia es el desprecio por el homosexual, así como las acciones de intolerancia que desencadenan procesos violentos. El objetivo de este estudio es llevar a cabo una revisión sistemática de la literatura, con la selección de los principales artículos encontrados en las bases de datos del Portal CAPES, que llevan a cabo un estudio cuantitativo sobre la violencia homofóbica. La búsqueda se llevó a cabo en los últimos cinco años, desde el 1 de enero de 2015 hasta el 31 de diciembre de 2019. Los descriptores utilizados fueron "homosexuales", "LGBT", "gays", "violencia", "asesinatos", "muertes", "homicidios" combinados. Los criterios de inclusión fueron publicaciones en formato de artículo, sin cargo, sin especificación de idioma, con búsqueda de descriptores contenidos en el tema, título y autor [cualquiera]. Los criterios de exclusión fueron publicaciones que no encajaban en la modalidad del artículo, aquellas que se publicaron fuera del marco de tiempo definido y aquellas que no presentaron investigación cuantitativa. Se encontraron seis artículos, uno de ellos en español, que mostraban cierta similitud en el patrón de la violencia identificada, destacando las agresiones psicológicas. Se concluye que la cantidad de investigación encontrada sigue siendo poco expresiva, especialmente cuando se considera la falta de datos oficiales sobre el tema.

Palabras clave: Homofobia; Violência; Revisión de literatura.

1. Introdução

O conjunto de regras sociais, respaldadas por normas jurídicas, determina o que deve ser considerado “normal” dentro das relações humanas, tornando aceitável apenas os modelos de comportamento que se encaixem no padrão dominante, segundo o qual a heterossexualidade figura como regra biológica, religiosamente naturalizada, cuja consequência lógica é a criação de estereótipos e condutas preconceituosas.

Historicamente, o padrão binário e cis-heteronormativo (ordem sexual baseada na heterossexualidade e na identidade de gênero coincidente com o sexo biológico), representa uma construção cultural pela qual é possível a compreensão do fenômeno da violência contra a população LGBTI+.

Segundo dados do Relatório da Ouvidoria dos Direitos Humanos (MMFDH, 2019), foram registradas, em 2018, 1685 denúncias, por meio dos diferentes canais disponíveis, por exemplo, o Disque 100, com uma evidente diminuição em relação ao ano de 2017, que registrou 1720 denúncias de violações contra a população LGBT.

Em sentido oposto, e não surpreendente, o Atlas da Violência (Cerqueira *et. al.*, 2019), que pela primeira vez compilou dados sobre a violência LGBT, demonstrou um crescimento alarmante, nos últimos seis anos, dos casos de homicídios, saindo de um total de 5 casos, em 2011, para 193 casos, em 2017. Em 2017 houve um crescimento de 127%.

O Grupo Gay da Bahia (Michels *et. al.*, 2019), organização não governamental que atua há quase quarenta anos na compilação e tratamento de dados de violência LGBTI+, em seu relatório de 2019, informa que 420 LGBT's morreram no Brasil em 2018 vítimas da homofobia, sendo 320 vítimas de homicídios (76%) e 100 vítimas de suicídios (24%), colocando o país em posição de destaque em crimes contra minorias sexuais.

Corroborando tal entendimento, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH, 2015) aponta o Brasil como o Estado-membro com o maior número de homicídios documentados contra LGBT's, com altos níveis de violência contra pessoas excluídas do padrão cis-heteronormativo.

Segundo a CIDH (2015), que compila dados informados pelos Estados-membros da OEA (Organização dos Estados Americanos), baseados em fontes diversas, como dados de organizações não governamentais, de janeiro de 2013 a março de 2014, ocorreram 594 mortes em razão da homofobia, e o Brasil supera consideravelmente os outros estados, pois de 2011 a 2013 foram documentadas 278 mortes, em contraste com a Colômbia, com 219 mortes, e a

Argentina, com 25 mortes no mesmo período, destacando altos níveis de crueldade e selvageria nas mortes.

Em semelhante posicionamento a ONG *Trangender Europe*, em seu relatório (Tgeu, 2016), aponta que ocorreram um total de 2.190 mortes de pessoas trans e de diversos gêneros em 66 países em todo o mundo entre 1º de janeiro de 2008 e 30 de junho de 2016, onde as Américas Central e do Sul corresponderam a 78% do número de mortes registradas, figurando o Brasil como o campeão de homicídios em números absolutos (868), e em quarto lugar (4.3) em números relativos (taxa por milhão de habitantes), perdendo apenas para Honduras (10.4), Guiana (5.0) e El Salvador (4.6).

Diante de um cenário preocupante, e de demonstrações de que o Brasil não é um país seguro para LGBT's, é importante que se destaque o conceito de homofobia. Termo cuja complexidade vai além das limitações conceituais, foi cunhado pela primeira vez em 1971, no Estados Unidos, e, segundo Borrilho (2015), é a atitude de hostilidade contra as/os homossexuais, a qual apresenta duas dimensões, uma pessoal, que revela a rejeição contra pessoas homossexuais, e outra cultural, cujo menosprezo é direcionado à homossexualidade enquanto fenômeno social.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação, classificando em quatro tipos, física, sexual, psicológica e relacionada à privação ou ao abandono.

Dahlberg e Krug (2007) acrescentam, ainda, em relação ao conceito constante no relatório da OMS, que tal definição, ao incluir a palavra “poder”, consegue abarcar as diversas formas de violência não-físicas, como negligências, abusos, injúrias, fundamental para ampliação deste espectro da violência.

No mesmo sentido, Minayo (2003) aponta para a violência como um fenômeno social que abrange o uso do poder da força física ou qualquer outra forma de coerção.

Diante de tal cenário, este artigo objetiva mostrar uma revisão da literatura científica dos últimos cinco anos, que versem sobre a violência contra a população LGBTI+, tendo em vista a verificação de quais as principais discussões no campo científico sobre a violência decorrente de conduta homofóbica.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza exploratória (GIL, 2002) que visa responder a uma pergunta específica por meio de planejamento e métodos sistemáticos para a avaliação crítica dos dados constantes nos estudos pesquisados (CASTRO, 2001).

Inicialmente, para a realização da busca nas principais bases de dados, foram escolhidos os seguintes descritores: “Homossexuais”; “LGBT”; “Gays”; “Violência”; “Morte”; “Homicídios”; “Assassinatos”, realizando os respectivos cruzamentos (Quadro 1).

Quadro 1 - Descritores utilizados para o cruzamento da Pesquisa no Portal de Periódicos da Capes, no período de janeiro de 2015 a dezembro de 2019.

Participantes	Variáveis
HOMOSSEXUAIS	VIOLÊNCIA
LGBT	HOMICÍDIOS
GAYS	MORTES
	ASSASINATOS

Fonte: elaborado pelas autoras.

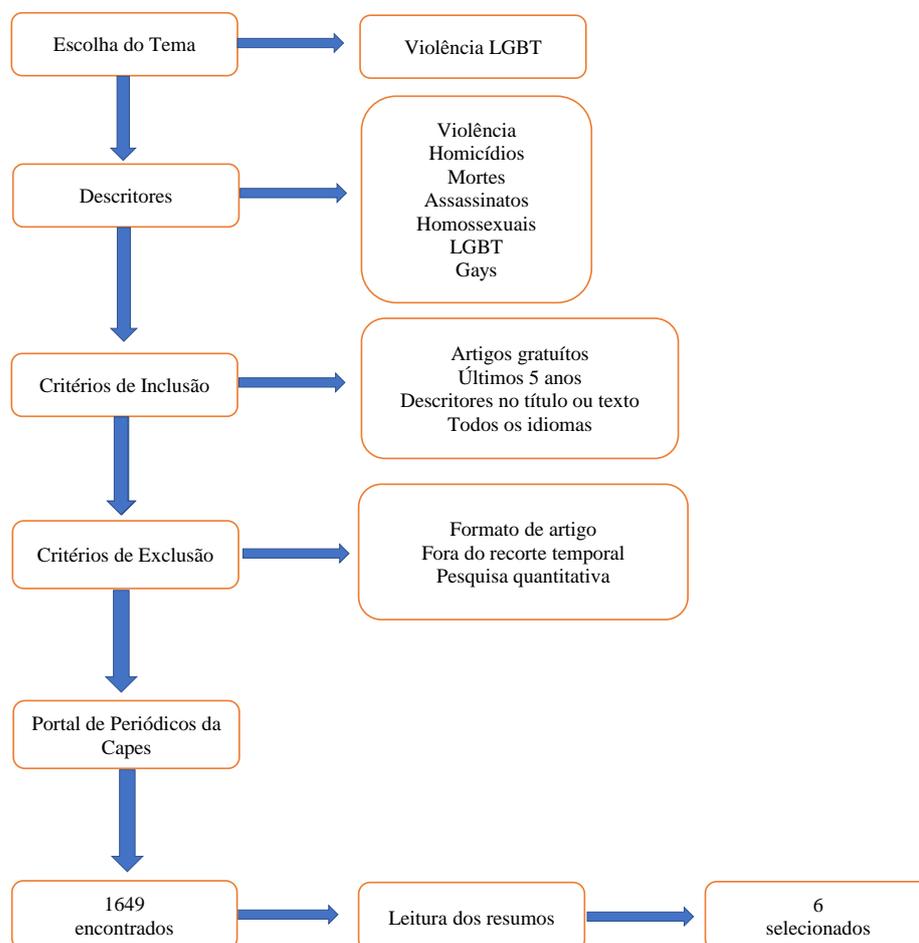
A pesquisa foi realizada por meio do Portal de Periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), com busca geral em todas as bases de dados disponibilizadas pelo portal, cujos critérios de inclusão foram: publicações apenas no formato de artigo, publicados nos últimos cinco anos, no período compreendido entre 01 de janeiro de 2015 a 31 dezembro de 2019, gratuitos, sem especificação de idioma, com busca de descritores contidos em assunto, título e autor [qualquer].

Foram consideradas como critério de exclusão as publicações que não se enquadraram na modalidade artigo, os que foram publicados fora do recorte temporal definido, e os que não apresentaram pesquisa de natureza quantitativa.

Definidos tais critérios, a coleta ocorreu no dia 12 de fevereiro de 2020. Após a busca inicial, foi realizada a leitura dos resumos para seleção dos que apresentaram pertinência temática, com posterior leitura integral da obra, sendo priorizados os estudos que traçam o perfil estatístico da violência.

Inicialmente, foram encontrados 1649 artigos, que versavam sobre a temática da violência homofóbica. Foi realizada a leitura dos resumos, e após aplicação dos critérios de exclusão elencados ao norte, foram selecionados 06 artigos, sendo um deles em língua espanhola, o restante em língua portuguesa, conforme Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma das etapas da pesquisa, realizada no Portal de Periódicos da Capes, no dia 12 de fevereiro de 2020.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Ao final, portanto, foram selecionados 06 artigos para análise e construção do presente trabalho (Tabela 1).

Tabela 1 – Número de artigos encontrados e selecionados, após cruzamento de descritores e aplicação de critérios de inclusão e exclusão, no Portal de Periódicos da Capes, no período de janeiro de 2015 a dezembro de 2019.

DESCRITORES	Portal de Periódicos da CAPES	
	Encontrados	Selecionados
Homossexuais X Violência	285	3
Homossexuais X Homicídios	28	1
Homossexuais X Mortes	175	0
Homossexuais X Assassinatos	29	0
LGBT X Violência	342	1
LGBT X Homicídios	38	0
LGBT X Mortes	107	0
LGBT X Assassinatos	34	0
Gays X Violência	408	1
Gays X Homicídios	35	0
Gays X Mortes	129	0
Gays X Assassinatos	39	0
TOTAL	1649	6

Fonte: elaborado pelas autoras.

3. Resultados e Discussão

3.1 Caracterização das fontes de análise

Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e identificação dos artigos pertinentes ao tema e leitura dos seus respectivos resumos, foram identificados seis artigos, detalhados no Quadro 2, que versam de forma mais específica sobre a violência contra LGBT's.

Quadro 2 – Identificação dos Artigos selecionados no Portal de Periódicos da Capes, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, nos últimos cinco anos, quanto ao ano, autor, revista, qualis (2013-2016) e ISSN.

TÍTULO DO ARTIGO	ANO	AUTORIA	REVISTA	QUALIS (2013-2016)	ISSN
Características y factores de la violencia homicida contra las minorías sexuales en la Ciudad de México, 1995-2013	2016	BOIVIN, Renaud René.	Sexualidad, Salud y Sociedad	B1	1984-6487
“Foi como se a gente tivesse visto a morte”: estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade	2018	RIOS, Luís Felipe et. al.	Laplage em Revista (Sorocaba)	B1	2446-6220
Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro	2016	SILVA, Glauber Weder dos Santos et. al.	Revista Gaúcha de Enfermagem	B1	983-1447
Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro	2018	PARENTE, Jeanderson Soares, et. al.	Revista de Salud Pública	B2	0124-0064
Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil	2016	ALBUQUERQUE, Grayce Alencar et. al.	Saúde Debate	-	2358-2898
Vulnerabilidades mapeadas, Violências localizadas: Experiências de pessoas travestis e transexuais no Brasil	2015	BONASSI, Bruna Camillo et. al.	Quaderns de Psicologia	B2	0211-3481

Fonte: elaborado pelas autoras.

3.2 Síntese dos objetivos, método e principais resultados das publicações

Os seis artigos selecionados, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram lidos na íntegra, com análise minuciosa de suas metodologias e principais resultados, elencados no Quadro 3.

Quadro 3 – Descrição resumida das seis referências analisadas no estudo.

TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	AMOSTRA	PRINCIPAIS RESULTADOS
Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro (Silva, et. al., 2016)	Análise do perfil sócio demográfico e da violência praticada contra travestis e transexuais de Cajazeiras-PR.	Estudo transversal e descritivo, com abordagem quantitativa, e aplicação de questionários	16 travestis e transexuais	81,25% da amostra se identificou como travesti, a maioria de cor parda, ensino médio completo, e profissão cabeleireira; 75% da amostra sofreu violência, a maioria do tipo verbal, e psicológica, 75% das violências ocorreram na rua.
Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro (Parente, et. al., 2018)	Análise do perfil sócio demográfico e da violência praticada contra a população LGBTQIA+ do interior do Ceará	Estudo transversal e descritivo, com abordagem quantitativa, e aplicação de questionários na Parada Gay de Juazeiro do Norte e Crato-CE, em 2013	316 pessoas da população LGBTQIA+	70% são do sexo biológico masculino, 51,2% homossexuais gays, pardos, solteiros, ensino médio completo e com trabalho formal; 78,8% sofreu violência psicológica; das agressões físicas, 21,8% foram empurrões e a maioria na face; 13,6% dos agressores de rua são transeuntes, e 7,3% dos agressores conhecidos foram amigos.
Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no	Análise do perfil da violência psicológica	Estudo transversal e descritivo, com abordagem	Estudo transversal e descritivo,	78,8% já foi vítima de violência psicológica, 70,6% do sexo masculino, maioria de gays e identidade de gênero

interior do Ceará, Brasil (Albuquerque et. al., 2016)	praticada contra a população LGBTQIA+ do interior do Ceará	quantitativa, e aplicação de questionários na Parada Gay de Juazeiro do Norte e Crato-CE, em 2013	com abordagem quantitativa, e aplicação de questionários na Parada Gay de Juazeiro do Norte e Crato-CE, em 2013	masculino e homossexuais; 77,5% das violências foram à distância, 45,4% desconhecidos na rua, a reação principal foi agressão física e 52,2% tiveram como consequência a tristeza.
Vulnerabilidades mapeadas, Violências localizadas: Experiências de pessoas travestis e transexuais no Brasil (Bonassi, et. al., 2015)	Investigar a violência contra travestis e transexuais de Santa Catarina, visando o perfil psicossocial e mapeamento de vulnerabilidades	Estudo quantitativo com aplicação de questionários	100 travestis e transexuais	48% da amostra era de pessoas brancas, entre 18 a 50 anos, a maioria travestis, com ensino médio completo e pertencentes ao mercado de trabalho informal; 87% afirmaram ter sofrido discriminação, 76% violência psicológica, 62% violência física, 37% violência institucional; entre a agressão psicológica destaca-se a humilhação; em relação ao agressor, 65% declarou que são pessoas da população em geral.
Foi como se a gente tivesse visto a morte: estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade (Rios, et. al, 2018)	Analisar e discutir a relação entre estilos corporais estigmatização e sofrimento psíquico em homens homossexuais do Recife	Estudo etnográfico, por meio de entrevistas e questionários de inquérito comportamental, com análise estatística descritiva e exploratória.	25 entrevistas e 380 questionários em homens que fazem sexo com homens, entre 18 e 51 anos, da Região Metropolitana de Recife.	65,5% da amostra se identificou como negros, 18 a 24 anos, a maioria com curso superior, emprego formal com carteira assinada, 23,3% do estilo másculo e 31,8% do estilo efeminado; 32,9% afirmou ter sofrido violência por orientação sexual e 57,1% sofreu discriminação; efeminados apresentam 1,9 vezes mais relatos de violência e 2 vezes mais de discriminação que os másculos; 76,6% dos que sofreram violência apresentaram depressão e 79,2% dos efeminados apresentaram 1,6 mais relatos de depressão que os másculos (50%).
Características y factores de la violencia homicida contra las minorías sexuales en la Ciudad de México, 1995-2013. (Boivin, 2016)	Estudar a violência homicida contra LGBT's no México, traçar perfil da vítima, autor e do crime.	Análise estatístico descritiva dos homicídios publicados nos jornais da imprensa local.	Notícias publicadas entre os anos de 2001 e 2007, na imprensa do México.	Foram encontrados 150 registros de mortes; 97% do sexo masculino, idade média 35 anos, classes sociais mais altas; entre travestis e transexuais o número de mortes é o dobro das demais categorias LGBT's; em relação ao autor, 59% tem entre 25 e 29 anos, 49% são policiais; 33% das mortes foram por arma branca, 26% das vítimas foram amarradas, 46% estavam nuas; 92% das vítimas encontradas em casa eram gays e 69% das encontradas na rua, eram travestis e transexuais; 49% dos crimes ocorreram em via pública.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Inicialmente destaca-se o fato de que quatro dos seis artigos que selecionados foram realizados em municípios da Região Nordeste do Brasil, fato possivelmente relacionado com o protagonismo da região nas estatísticas acerca da violência homofóbica nacional, notadamente aos homicídios decorrentes de intolerância às minorias sexuais, com conseqüente carência de estudos nas demais regiões.

Parente *et. al.* (2018) ressalta que os relatórios anuais do Disque 100 corroboram tal assertiva, indicando que entre os anos de 2011 a 2013, a referida região liderou as estatísticas

de denúncias no canal governamental. Somente no ano de 2013, na Região Nordeste se concentraram 43% das mortes nacionais.

Em comum, as seis obras almejavam traçar um perfil sociodemográfico ou psicossocial de vítimas, agressores e da dinâmica do próprio crime, utilizando, em sua maioria, aplicação de questionários ou entrevistas, aplicadas aos participantes, com exceção de Boivin *et. al.* (2016), que utilizou a técnica de análise de publicações de crimes na imprensa local.

Em relação ao perfil psicossocial, Parente *et. al.* (2018) e Albuquerque *et. al.* (2016) encontraram resultados coincidentes que apontam para a maioria das vítimas sendo do sexo biológico masculino, identidade de gênero masculina e orientação sexual homossexual gay. Quanto à escolaridade, Silva *et. al.* (2016), Parente *et. al.* (2018) e Bonassi *et. al.* (2015) demonstraram que a maior parte das vítimas possui ensino médio completo, em sentido contrário de Rios *et. al.* (2018) identificou que a maior parte de sua amostra possui nível superior, completo ou não.

Importante destacar que tal resultado referente à escolaridade pode estar relacionado aos subgrupos participantes das pesquisas, pois no artigo de Rios *et. al.* (2018) a amostra era formada por homens homossexuais, diferentemente de Silva *et. al.* (2016) e Bonassi *et. al.* (2015), que trataram exclusivamente de transexuais e travestis, e Parente *et. al.* (2018) que envolveu um grupo mais abrangente de participantes, o que aponta para uma diferenciação com tendência ao agravamento das violências e estigmatizações em relação às travestis e transexuais.

Ressalte-se, portanto, que Silva *et. al.* (2016) e Bonassi *et. al.* (2015) delimitaram a pesquisa nas categorias “travestis” e “transexuais”, a primeira discutindo violência física, e a outra, psicológica, respectivamente, das quais emerge uníssona argumentação: a de que tais categorias apresentam elevado grau de marginalização, repúdio e, em consequência, são os maiores alvos da violência.

Nesse sentido, Silva *et. al.* (2016) relata que as pessoas com identidades transgênero são estigmatizadas e o fato de a identificação de seu gênero estar em discordância com o sexo biológico resulta em situações de constrangimento e violência, sendo, portanto, comum ceder à heteronormatização.

Essa lógica binária, no entendimento de Bonassi *et. al.* (2015), é socialmente imposta mesmo antes do nascimento, a qual considera apenas duas possibilidades, quais sejam, homem e mulher, cuja identificação decorre somente a partir de genitais. Tal imposição cultural além de legitimar a patologização das transgeneridades, torna-se alavanca propulsora das violências transfóbicas.

A vulnerabilidade de tudo que afronta a imposta e naturalizada heteronorma é tão evidente, que Rios *et. al.* (2018), em seu estudo sobre estigmatização e violência contra homossexuais, informa que na comunidade gay do Recife, os homens masculinos são denominados “boys” e os femininos “pintosas”, e a maior parte dos relatos sobre o que é ser “pintosa”, está relacionada a situações de violência e discriminação, notadamente por estar em desacordo com as normas sociais, em contraste com o padrão esperado para homens, que tem “passabilidade heterossexual” (Rios, *et. al.*, 2018, p. 148).

A consequência, portanto, são as mortes invisibilizadas de travestis e transexuais, em razão da falta de indicação nos boletins de ocorrências policiais e nas estatísticas de mortalidade, das causas dessas mortes, fazendo com que o número de pessoas trans vítimas de homicídio seja maior do que o apresentado pelas organizações (Bonassi, *et. al.*, 2015).

Corroborando tal entendimento, Boivin *et. al.* (2016), que ao estudar homicídios contra as minorias sexuais no México, destaca que a maior parte dos corpos de gays e homens que fazem sexo com homens, foram encontrados em residências particulares, em contraste com os corpos de transexuais e travestis que são vitimadas e tem seus corpos deixados nas ruas ou em hotéis, com notáveis características de tortura.

Tal argumentação é fortemente demonstrada através dos altos índices de vitimização encontrados pelos artigos em questão, onde a quase totalidade dos participantes afirmou ter sido vítima de algum tipo de violência (Parente, *et. al.*, 2018; Albuquerque, *et. al.*, 2016; Silva, *et. al.*, 2016).

Destaca-se, por conseguinte, que em se tratando de violência física, que as regiões corporais mais atingidas pelos atos violentos são a face e membros superiores, exatamente em razão do caráter humilhante representado por uma lesão na face (Parente, *et. al.*, 2018).

Em relação ao local das agressões, Boivin *et. al.* (2016) informa que cerca de 49% dos homicídios ocorreram na rua, dado que vai ao encontro dos resultados encontrados por Albuquerque *et. al.* (2016), segundo o qual 77,5% das violências foram à distância, 45,4% delas praticadas por desconhecidos na rua. No mesmo sentido, Bonassi *et. al.* (2015) informa que cerca de 65% dos agressores são pessoas da população em geral e Parente *et. al.* (2018) que relata que 13,6% dos agressores de rua são transeuntes em geral.

Outro aspecto em comum nos artigos ora analisados refere-se a naturalização das violências pelas próprias vítimas. Bonassi *et. al.* (2015) ressalta que considerável parte de sua amostra apresentou dificuldade de compreender o que seria violência psicológica e seus subtipos (humilhação, hostilização, ameaça, calúnia/injúria/difamação), por entenderem, a

exemplo, que humilhação não integra o conceito de violência por estar presente de forma corriqueira e habitual no cotidiano dessas pessoas.

Segundo Parente *et. al.* (2018), a violência psicológica assume a primeira posição (78,8%) nos tipos de violência pelas quais a população LGBT passa ao longo da vida, sendo esse um indício dessa naturalização das agressões psicológicas, o que, em consequência, eleva o risco das violências físicas.

Tais dados, no entendimento de Albuquerque *et. al.* (2016) apontam a violência psicológica como a principal manifestação de violência cometida contra LGBT's e mais difícil de ser visibilizada, uma vez que se apoia em mecanismos simbólicos de poder cujo preconceito é caracterizado como uma questão natural em nossa sociedade.

Diante do cenário ora apresentado, impõe-se a reflexão acerca da inexistência de estudos sobre violência homofóbica baseados em estatísticas oficiais ou bancos de dados que tenham como fonte a atuação das instituições de segurança pública, notadamente, as capazes de realizar registros passíveis de contabilização e sistematização.

De modo geral, os sistemas policiais não vinculam os crimes às condutas homofóbicas, dificultando a geração desses dados.

Silva *et. al.* (2016) aponta, inclusive, a inexistência de informação sobre registro de Boletins de Ocorrências ou notificações em sistemas de informações, como uma lacuna em seu estudo, travestindo-se, dessa forma, em um tipo de violência institucional, também elencada nas obras em tela (Boivin, *et. al.*, 2016; Bonassi, *et. al.*, 2015), com o agravamento do sofrimento e diminuição da procura de estabelecimentos que, em tese, seriam destinados a proteção e ao acolhimento.

4. Considerações Finais

O artigo teve como foco apresentar uma revisão de literatura sobre a violência LGBTI+ a partir de pesquisa no portal de periódicos da CAPES, de onde se pode concluir que ainda existe uma carência de artigos que abordem tal temática, com estudos estatísticos sobre violência homofóbica, pois, nos últimos cinco anos foram identificados apenas seis artigos que utilizaram a referida metodologia.

Conclui-se que o padrão das violências se assemelha nas pesquisas encontradas, sobressaindo as agressões psicológicas, seguidas das físicas, com notória diferenciação entre as categorias que compõem a população LGBT, com o *modus operandi* do crime variando

conforme o grupo ao qual pertencem as vítimas, destacando-se as praticadas contra travestis e transexuais.

Observa-se que, na contramão da crescente violência contra LGBT's, não foi encontrado um quantitativo expressivo de pesquisas sobre o tema, com análises estatístico-descritivas, ressalvada a relevância das obras elencadas neste trabalho.

Diante dos resultados expostos ao norte, retoma-se o argumento de que os estudos sobre a violência LGBTI+, notadamente no Brasil, partem da ótica da vítima, e de seus relatos, entretanto, pouco se sabe sobre a atuação governamental no combate aos crimes discriminatórios. Os dados divulgados pelas instituições governamentais, do mesmo modo, baseiam-se nas denúncias anônimas (Disque 100), sem o conhecimento dos encaminhamentos que foram dados a cada caso denunciado.

Nesse cenário preocupante, caracterizado por relatos midiáticos de violência, com assustadores níveis de crueldade na prática dos crimes, e a normalização das condutas discriminatórias, faz-se necessário o aprofundamento dos estudos sobre o tema, para a necessária a compreensão da dinâmica dos delitos praticados contra a população LGBTI+, cuja estatística dará suporte para implementação de medidas preventivas e coercitivas, tendo em vista o fortalecimento da comunidade com o consequente enfrentamento necessário ao combate do referido tipo de violência.

Impõem-se, portanto, o desenvolvimento de pesquisas que analisem o sistema de justiça de forma ampla, observando se há efetiva resposta e penalização aos agressores homofóbicos e resolutividade dos registros, pois dessa forma, será possível estabelecer medidas mais eficazes no combate aos crimes de intolerância de modo geral.

Referências

Albuquerque, G. A., Parente, J. S., Belém, J. M., & Garcia, C. D. L. (2016). Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. *Saúde em Debate*, 40, 100-111.

Balzer, C., Lagata, C., & Berredo, L. (2016). TMM annual report 2016. *Berlin: TGEU Transgender Europe*. Disponível em <http://www.suarakita.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf> Acesso em 30/05/2020.

Boivin, R. R. (2016). Características y factores de la violencia homicida contra las minorías sexuales en la Ciudad de México, 1995-2013. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (23), 22-57.

Bonassi, B. C., Santos, M. A., Toneli, M. J. F., & Queiroz, M. A. (2015). Vulnerabilidades mapeadas, Violências localizadas: Experiências de pessoas travestis e transexuais no Brasil. *Quaderns de psicologia*, 17(3), 83-98.

Borrillo, D. (2015). Homofobia: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 1. ed.; 2 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica editora.

Castro, A. A. (2016). Revisão sistemática e meta-análise, 2001. Disponível: <http://www.usinadepesquisa.com/metodologia/wp-content/uploads/2010/08/meta1.pdf> Acesso em 12/02/2020.

CIDH (2015). Violência contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo nas Américas. OAS. Série L, V, II, doc. 36, 15 rev. 1, nov 2015. Disponível em: <http://www.oas.org/pt/cidh/docs/pdf/ViolenciaPessoasLGBTI.pdf> Acesso em 12/02/2020.

Cerqueira, D., Lima, R. S., Bueno, S., Alves, P. P., Reis, M., Cypriano, O., & Armstrong, K. (2019). Atlas da violência 2019: retrato dos municípios brasileiros. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019> Acesso em 12/02/2020.

Dahlberg, L. L.; Krug, E. G. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178.

Gil, A. C., *et al.* (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas.

Michels, E.; Mott, L.; Paulinho (2019). Grupo Gay da Bahia: Mortes violentas de LGBT+ no Brasil: relatório 2018 [Internet]. Rio de Janeiro: GGB. Disponível em : <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf> Acesso em 12/02/2020.

Minayo, M. C. S. (2003). Violência contra idosos: relevância para um velho problema. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(3), 783-791. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2003000300010&script=sci_arttext Acesso em 12/02/2020.

MMFDH – Disque 100. Balanço geral 2011 ao 1º semestre 2019-LGBT., 2019. Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/ouvidoria/balanco-disque-100> Acesso em 12/02/2020.

OMS (Organização Mundial de Saúde) (2002). World report on violence and health. Summary. OMS: Geneva. (On-line). Disponível em: <https://www.who.int/publications/en/> Acesso em 12/02/2020.

Rios, L. F., Paiva, V. S. F., Brignol, S., Albuquerque Jr, D. L., & Santos, M. L. S. (2018). “Foi como se a gente tivesse visto a morte”: estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade. *Laplage em revista*, 4(1), 140-158.

Silva, G. W. D. S., Souza, E. F. L., Sena, R. C. F. D., Moura, I. B. D. L., Sobreira, M. V. S., & Miranda, F. A. N. D. (2016). Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(2).

Soares Parente, J., dos Santos Moreira, L., Teles, F., & Alencar Albuquerque, G. (2018). Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro. *Revista de Salud Pública*, 20, 445-452.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Jacyara dos Anjos Sarges Formento – 60%

Silvia dos Santos de Almeida – 40%